

“Os Ciganos”

Era uma vez um rapaz
Rapaz chamado Ruy
Ruy que era muito desastrado
Desastrado porque partia coisas
Coisas perdia e não sabia onde deixava
Deixava tudo no sítio errado
Errado todos lhe diziam que fazia
Fazia tudo ao contrário
Contrário e também contra o tempo
Tempo era coisa controlada naquela casa
Casa que impunha limites para tudo
Tudo e mais algumas coisas
Coisas como horas, leis, sítios
Sítios para por tudo o que ele se esquecia de arrumar
Arrumar não era com este menino
Menino que deixava tudo às avessas
Avessas, como a bola que ficava na sala
Sala onde deveria ter deixado os livros
Livros que lia e ficavam no jardim
Jardim o seu lugar preferido
Preferido pelo seu espaço e pela sua relva
Relva onde se deitava e apanhava vento
Vento também gostava de apanhar à noite
Noite, quando ia para o quarto e, olhava pela janela
Janela de onde olhava as estrelas e pensava na liberdade
Liberdade que ansiava por um dia ter
Ter para deixar de pertencer àquele mundo
Mundo fechado onde vivia
Vivia naquela casa com regras
Regras impostas pela família
Família: irmãs, pai e mãe
Mãe exigente

Exigente era p'ra ele ter visitas
Visitas que o deixavam ficar mal
Mal por tropeçar nas suas pernas e partir
Partir chávenas de chá
Chá das cinco todas as tardes
Tardes iguais umas às outras
Outras coisas o faziam infeliz
Infeliz por deixar cair copos, tinteiros, jarras, cinzeiros e outras
Outras coisas queria o Ruy viver
Viver num mundo que não se parecesse com um tribunal
Tribunal de que ele se queixava
Queixava porque a sua casa o parecia ser
Ser ele próprio era um dos seus sonhos
Sonhos em que ele cismava
Cismava na liberdade
Liberdade e deixar aquela vida
Vida diferente por um tempo
Tempo esse que aconteceu
Aconteceu algo inesperado e maravilhoso
Maravilhoso mundo da liberdade bem diferente
Diferente foi um ruído
Ruído que atravessou o ar e o fez saltar
Saltar fora do muro
Muro que trepou e olhou
Olhou p'ra lá dos terrenos baldios, campos e pinhais
Pinhais onde avistou carroças, uma fogueira e vultos
Vultos escuros e dançantes como folhas de árvores
Árvores para onde se foi aproximando
Aproximando hesitante, mas com curiosidade
Curiosidade e incerteza
Incerteza de se aproximar daqueles ciganos
Ciganos de quem sentia receio
Receio de ver quem eram e o que faziam
Faziam uma festa

Festa a que assistiu escondido
Escondido e encostado a um pinheiro viu algo
Algo com uma beleza diferente
Diferente e inquietante
Inquietante que o atraía e o angustiava
Angustiava pensar em fugir dali
Dali não conseguiu sair por ver um rapaz e uma rapariga
Rapariga que se equilibrava em cima de um arame
Arame onde permanecia o rapaz
Rapaz que tremia
Tremia o seu corpo
Corpo que apesar de tremer, firme se mantinha
Mantinha também o seu rosto distante
Distante..., mas ali ambos se movimentavam
Movimentavam os dois dando voltas
Voltas com os corpos elásticos e serenos
Serenos mesmo com reviravoltas e saltos
Saltos e nas mãos rodando laranjas
Laranjas e depois discos
Discos e depois espadas em torno do corpo do rapaz
Rapaz que os recebia atirados pela rapariga
Rapariga e rapaz envolvidos neste perigo
Perigo sentiu Ruy que corria
Corria e pensava em fugir
Fugir não conseguiu e continuou
Continuou a caminhar
Caminhar a tropeçar nos buracos, nos galhos, no caminho
Caminho que fez até chegar ao acampamento
Acampamento com um público
Público que no final aplaudia
Aplaudia e o tambor voltara a soar
Soar ouvia Ruy o seu coração
Coração a saltar de medo
Medo sentiu também por aparecer um gato

Gato que se aninhou
Aninhou a seus pés, onde deitado estava
Estava numa carroça tapado com um cobertor
Cobertor que o aconchegou, e adormeceu
Adormeceu e acordou de manhã com uma voz
Voz da rapariga do arame, de olhos cor de avelã e cabelo preto e brilhante
Brilhante a rapariga parecia
Parecia por irradiar a própria luz
Luz como um anjo, mas com algo de selvagem
Selvagem que o assustou
Assustou porque o levou ao chefe
Chefe que o questionou, mas o deixou ficar
Ficar para aprender sobre a vida e a arte cigana
Cigana, a rapariga, de nome Gela
Gela que tinha um irmão chamado Yanko
Yanko era moreno e com um corpo forte, mas não alto
Alto e magro era Ruy
Ruy gostava de conversar com Gela
Gela e Yanko juntaram-se para o ensinar
Ensinar as suas artes
Artes que Ruy foi aprendendo
Aprendendo as letras e a escrevê-las, foi Gela
Gela que admirou o mundo da escola
Escola que Ruy conhecia e que lhe ensinou, pouco a pouco
Pouco Yanko falava
Falava mais com a natureza e com os animais
Animais e natureza que os rodeava
Rodeava-os campos, animais e ribeiros
Ribeiros que atravessavam, mas Ruy tinha receio
Receio de cair e andar descalço
Descalço não estava habituado
Habitado também não estava na terra a correr
Correr ou a passar os ribeiros por cima de pedras
Pedras que escorregavam e ele caía

Caía dentro de água, mas levantava-se
Levantava-se e ganhava coragem
Coragem que o ajudou a ultrapassar as suas dificuldades
Dificuldades que depois passaram
Passaram o acampamento para outro lugar
Lugar que para chegar demorou um dia
Dia inteiro a andar com cavalos, carroças e tudo
Tudo o que fazia parte da vida dos ciganos
Ciganos que transportam todas as suas coisas
Coisas que não deixam rasto
Rasto que se apaga quando saem
Saem e acampam noutra lugar
Lugar a que chegaram
Chegaram à terra onde pertence Ruy e permanecem
Permanecem agora nessa cidade
Cidade onde por mais uns tempos vivem
Vivem e montam um circo
Circo que se enche de pessoas
Pessoas para assistir ao espetáculo
Espectáculo a que assiste também a família de Ruy
Ruy que entra no número do trapézio
Trapézio onde consegue passar no arame
Arame em que se equilibra
Equilibra como Gela e Yanko o ensinaram
Ensinaram uma vida diferente
Diferente e de liberdade
Liberdade que Ruy quis experimentar e conseguiu!